

EDITORIAL

1402

PARA ONDE VAMOS?

Os médicos, de maior experiência da medicina brasileira, que a conheceram há vinte anos atrás e a vivem hoje, nas poucas horas que lhes sobram para pensar, terão todo o direito de perguntar, estupefactos: para onde vamos?

Realmente há uma gritante diferença entre a medicina que praticávamos nos primeiros anos de nossa vida profissional e a medicina que se vê e se exerce hoje em dia. Será que o mundo mudou tanto em vinte anos? O progresso tecnológico, em todos os setores humanos, a auto determinação dos povos, a evolução social envolvendo uma nova concepção de vida para a mulher, sofreram impulsos inacreditáveis. A medicina não poderia constituir exceção. Foi notável o desenvolvimento de novas técnicas diagnósticas e terapêuticas. Teria a medicina brasileira acompanhado esse desenvolvimento? À primeira vista a resposta seria positiva, mas raciocinando-se mais friamente, sem ufanismo, talvez se chegue a outra conclusão. Vamos analisar o ensino médico e a atividade médica.

A proliferação de faculdades de medicina, com o salutar propósito de dar oportunidade aos jovens de seguirem sua vocação, trouxe conseqüências perigosas para nossa profissão. Vários são os aspectos que poderão ser referidos e que dariam, cada um deles, margem a longos comentários. Simplesmente enumeraremos alguns:

1. faculdades em cidades do interior que não dispõem de instalações adequadas, hospitais de ensino e pessoal habilitado para uma boa retaguarda das atividades didáticas;

AP 1056

2. *estudantes vivendo longe de suas famílias, carentes do apoio e do controle dos pais e morando em "repúblicas" que não apresentam o mesmo conforto de seus lares;*

3. *demanda de professores superior à oferta forçando as autoridades do ensino a autorizar médicos e outros profissionais, sem a devida vivência universitária, a lecionarem disciplinas para as quais nem sempre estão devidamente capacitados.*

4. *professores ambulantes, deslocando-se de uma cidade para outra, simplesmente cumprindo um calendário escolar.*

Muitos outros aspectos poderiam ser alinhados para se fazer crítica às faculdades de medicina. Em conversa num hospital, certa ocasião, ouvi, de um colega mais idoso esta afirmação: "a faculdade, de hoje, é um verdadeiro ginásio".

Estas faculdades fornecem, anualmente, à medicina brasileira milhares de médicos despreparados tanto do ponto de vista científico como principalmente deontológico. Em um Centro de Ensino e Treinamento em Anestesiologia de São Paulo, ouvi um dia, um estagiário, "médico" portanto, perguntar atônito: que diabo de CO₂ é esse que vocês estão sempre falando? E respondi incontinentemente: este CO₂ é tão diabólico como a faculdade que o formou. Faz-me lembrar do mineiro, que tendo vindo a São Paulo à negócios, num dado momento se irritou perguntando: que diabo de CIC é esse que todo mundo, aqui me exige e de que jamais ouvi falar?

Os médicos constituirão nosso segundo objeto de considerações.

Já, pseudo formados, naturalmente começam sua vida profissional conseguindo alguns empregos. Estes empregos são frutos da medicina brasileira socializada: empregos públicos e funções assalariadas de entidades comerciais, anti-éticas, de pré pagamento.

Estes empregos são vilmente remunerados forçando-os a aumentar, cada vez mais, o seu número. Deslocam-se, diariamente, qual ambulantes, de um para outro exercendo-os de maneira precária, para não usar um adjetivo, talvez, mais correto.

E os consultórios? Tenho certeza que o número de consultórios não está crescendo na mesma proporção do crescimento populacional. Acredito, mesmo, que alguns estejam sendo fechados. E isto é normal num momento em que as firmas de pré pagamento possibilitam a todas as empresas oferecerem, aos seus empregados, medicina e hospital como atrativos. Basta procurar, nos jornais, os anúncios nas seções de balcão de empregos, que oferecem, além daquilo que é legal, assistência médica, hospitalar e odontológica ao servidor e seus familiares. Os dentistas que se cuidem, enquanto é tempo. E familiares, aqui, se entende tudo: cônjuge, filhos, pais sogros, cunhados, tios. Além dos empregados, as firmas de pré pagamento nos levam também os empregadores, aqueles que anteriormente freqüentavam consultórios. Chegará o dia que incluirá vizinhos e até amigos. Às firmas de pré pagamento, qualquer adicional de arrecadação é lucro pois estão montadas para atender aos empregados e a despesa pouco será acrescida no atendimento de mais alguns agregados.

Vivendo o médico num regime capitalista de despesas e socialista de arrecadação, precisa se desdobrar e até triplicar-se para garantir um padrão mínimo de dignidade. Todo seu tempo é consumido no trabalho nada sobrando para o estudo atualização.

Esta desatualização reflete-se nos congressos. Não há hospital que não tenha uma parede forrada de cartazes de congressos médicos. Um dia perguntou-me, um engenheiro, porque os médicos faziam tantos congressos. Pensei sobre a pergunta e concluí que não tendo tempo para estudar freqüentam essas reuniões concentradas, de atualização, que são os congressos. Mas, o congresso tem, paralelamente, uma programação social e são sempre realizados em cidades que apresentam alguns atrativos turísticos. Assim, o médico, que há algum tempo não tinha férias, aproveita o congresso para um descanso freqüentando mais a atividade social que a científica. Continuamos, na mesma.

Acredito que o Brasil tenha atingido um estágio de desenvolvimento razoável e que contamos com alguns equipamentos sofisticados. Mas de que valem técnicas evoluídas e sofisticadas

se não dispomos de recursos humanos mínimos. A política governamental de restrição à importação e a desvalorização econômica e científica do médico nos levará, em futuro bem próximo, se é que a ele já não tenhamos chegado, a uma medicina de baixo padrão.

Todo mundo critica e ninguém apresenta soluções. É a história de um técnico de futebol que declarou à reportagem: todo mundo me traz a problemática mais ninguém me ajuda na "solucionática".

Não tenho competência para propor soluções, mas de uma coisa estou certo. Todos os problemas de saúde do Brasil são resolvidos nos gabinetes de administradores de empresa e hospitalares, economistas, enfermeiras "alto padrão", burocratas, políticos, etc. Não seria o caso de se tentam chamar o médico para opinar a respeito da medicina? Enquanto isto não se fizer, permanecerá, no ar, a incerteza: para onde vamos?

DR. LEÃO JOÃO POUZA MACHADO, EA